

ANÁLISE SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DE PROCESSOS FONOLÓGICOS VIA TEORIA AUTOSSEGMENTAL

CLARISSA DE MENEZES AMARIZ¹;
CÍNTIA DA COSTA ALCÂNTARA²

¹Universidade Federal de Pelotas – clarissa.amariz@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – cintiaca@terra.com.br 2

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma análise de dois fenômenos fonológicos, metátese e epêntese, sob a ótica da Teoria Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995). A pesquisa será apresentada por dois vieses linguísticos diferentes: de um lado o diacrônico no qual mostra os processos na evolução do latim para o português e, do outro, o da aquisição do português (doravante PB) em que se dão as diferentes etapas do desenvolvimento linguístico das crianças.

Com respeito à aquisição da fonologia por crianças brasileiras, há importantes trabalhos sobre os processos fonológicos supracitados, ainda que em reduzido número, a saber, MEZZOMO (2003) e REDMER (2007); por isso, acredita-se, da importância de novas contribuições, como a que se ora propõe. Pretende-se, com isso, trazer outros subsídios que corroborem a naturalidade daqueles processos na aquisição gradual de um sistema linguístico por crianças, no presente caso o português do Brasil.

No que concerne à diacronia da língua, embora o português seja uma língua cuja história é bem documentada, poucos são os trabalhos que dela se ocupam para explicar fenômenos linguísticos enquanto mecanismos integrantes do sistema, que não se limitam a uma ou outra realidade – diacrônica ou sincrônica, tampouco se circunscrevem à aquisição dos inventários de sons.

Considerando esse fato, a proposta deste trabalho é apresentar um estudo dos processos fonológicos de metátese e de epêntese na diacronia e na aquisição do português e, com isso, suscitar um interesse maior pela análise diacrônica da língua e ressaltar a importância das pesquisas em aquisição de linguagem no PB.

A escolha pela Geometria de Traços para suporte desse trabalho justifica-se pelo fato de esse modelo permitir explicar, de forma econômica, as possíveis relações que se estabelecem entre traços distintivos alocados sob diferentes *tiers* autossegmentais, que responderiam pelos fenômenos linguísticos observados.

2. METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho desenvolveu-se em duas etapas. Em um primeiro momento, os dados diacrônicos foram retirados de obras que registram os fenômenos que ocorreram na passagem do latim para o português. As obras consultadas foram COUTINHO (1978), NUNES (1945), SAID ALI (1965), SILVA NETO (1956, 1988) e SÁ NOGUEIRA (1958). Em um segundo momento, foram

analisados os dados de aquisição transcritos por BORGES (s.d.),¹ os quais fazem parte do corpus da pesquisa *As líquidas do português – o processo de aquisição e suas implicações*, coordenado pelas professoras Dr. Carmem Lúcia Matzenauer da UCPEL e Dr. Regina Lamprecht da PUCRS. Nesse *corpus* estão registradas as produções de 310 crianças, divididas em 31 faixas etárias, entre 2:0 e 7:0 anos. Para a pesquisa em questão foram consultadas as falas de 52 crianças divididas em 31 faixas etárias entre 2:0 e 7:0 anos. Os dados foram coletados de forma transversal e fazem parte dos Bancos INIFONO e AQUIFONO.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metátese, de forma geral, é classificada como a transposição de um som dentro de uma palavra que pode tanto ocorrer dentro de uma mesma sílaba ou entre sílabas. Para Redmer (2007) a metátese pode ser classificada em Segmental (inter e intrassilábica) e Silábica. A metátese segmental intersilábica é aquela em que o som migra para outra posição na palavra (cf. *pato* → [ˈtapu]). A metátese segmental intrassilábica é a que a migração de som ocorre dentro de uma mesma sílaba (cf. *escova* → [siˈkova]). A metátese silábica ocorre quando as sílabas mudam de lugar (cf. *capacete* → [kaseˈpatʃi]). Como exemplos para esses tipos, expostos acima, tem-se *borboleta* → [broboˈleta] ; *açúcar* → [aˈsukra] ; [aˈsurka] ; *pedra* → [ˈprɛda] ; *tampa* → [ˈpãnta] ; *máquina* → [ˈmanika] na aquisição, e *semper* > sempre ; *tanchar* > cantar (COUTINHO, 1958, p.27); *duiza* > dúzia ; *sacrairo* > sacraário ; *invoruclare* > involucrare (NUNES, 1945, p.123,156) na diacronia.

De maneira geral, a epêntese é definida como a inserção de um som, consonantal ou vocálico, no interior da palavra. Para LIMA (2005), as classificações do processo de epêntese subdividem-se em quatro tipos: Epêntese de vogal neutra (cf. *pelanta* para planta); Epêntese de consoante (cf. *plantra* para planta); Epêntese de vogal (cf. *pilanta* para planta); e Epêntese de sílaba (cf. *bárbara* para barba). Desses casos, os exemplos são *lua* → [ˈlula]; *cobra* → [ˈkɔbara] na aquisição do PB e *stella* > *estrela*; *úmero* > *ombro* (COUTINHO, 1958, P.156) e NUNES (1945, p.142;165) divide os tipos de epêntese em vocálico e consonantal, respectivamente, a exemplo de *silvestre* > *selivestre* e *mast* > *mastro*. A inserção epentética também pode ser vista como um recurso usado pela língua para eliminar hiatos, como por exemplo, *plenu* > *cheio*.

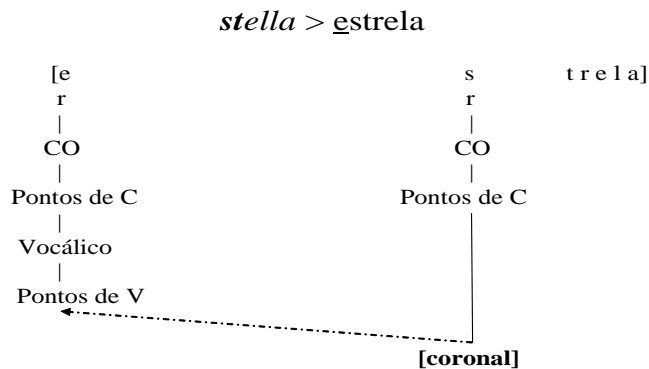
O que motiva a ocorrência de epênteses na língua portuguesa em casos como *stella* → *estrela* em que a vogal é inserida na posição de ataque (*onset*) é o fato de que o PB não aceita formações silábicas como *st*, isto é, por conta da Condição de Ataque, a qual proíbe esse tipo de formação em sílabas iniciais do português.

De acordo com os preceitos da Teoria Autossegmental, em dados epentéticos é possível perceber uma operação de espriamento de traços, ou seja, ambos os

¹ Os dados de metátese e epêntese coletados por BORGES nunca foram publicados. Fazem parte do corpus de coleta de sua dissertação de mestrado defendida em 1996 na qual investigou o processo de assimilação.

segmentos compartilham os mesmos traços fonológicos, como é possível visualizar na representação abaixo em (1), na passagem de **stela** → estrela².

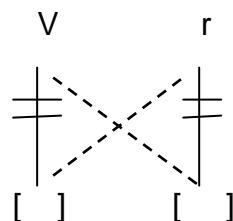
(1)



Como se pode observar em (1), a linha pontilhada representa a operação de espraçamento do traço [coronal] da consoante para a vogal, do que resultam estruturas ligadas, que compartilham uma mesma informação em termos de traços distintivos. A partir do compartilhamento de traços, é possível que o processo de epêntese aconteça. A vogal epentética é chamada, pois, para resolver casos que o padrão da língua rejeita, haja vista st, onset proibido no português, porém aceito no latim (cf. *stella*). Esse fato explica a necessidade do acréscimo da vogal para desfazer uma sequência inexistente na língua portuguesa.

No processo de metátese, em (2) representado, acontecem as duas operações postuladas pela Teoria Autossegmental: o espraçamento e o desligamento de traços.

(2)



BUTSKHRIDZE & VAN DE WEIJER, 2003, P. 767)

Em (2), o processo de metátese requer a aplicação de quatro operações, duas de espraçamento e duas de desligamento de traços. As linhas pontilhadas representam a operação de espraçamento de traços entre os segmentos adjacentes. Quanto às duas linhas cheias, localizadas horizontalmente sobre as linhas de associação que uniam os esqueletos temporais 'V' e 'r',

² Neste exemplo, é possível observar duas inserções: a da vogal /e/ e a da consoante /t/. No presente trabalho, nos deteremos apenas à epêntese de /e/.

respectivamente, aos seus respectivos nós de raiz, essas respondem pelo desligamento das mencionadas linhas de associação.

4. CONCLUSÕES

Nesse trabalho, objetivou-se mostrar uma análise dos processos de metátese e epêntese presentes em obras de diacronia do PB, com base na Teoria Autossegmental ou Geometria de Traços (Clements e Hume, 1995).

Também é importante ressaltar que a teoria escolhida, Teoria Autossegmental, é capaz de formalizar a ocorrência desses fenômenos a partir da representação de Geometria de Traços, desenvolvida por Clements e Hume (1995), por se tratar de um modelo caracterizado por associação ou espraiamento de traços. Além disso, é um modelo que incorpora a noção de sílaba, o que contribui efetivamente para essa pesquisa, que trata de dois fenômenos de mudança silábica.

Por fim, é ainda importante lembrar que não se encontrou na literatura estudos mais aprofundados sobre os processos de metátese e de epêntese discutidos neste texto. Acredita-se assim que trabalhos como o que ora se apresenta podem servir de impulso para que novas pesquisas sobre o mesmo tema sejam desenvolvidas futuramente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTSKHRIKIDZE, M. e WEIJER, V. On the formal description of metathesis: a case study of v-metathesis in Modern Georgian. *In: Lingua*, 113, 2003 765 – 778. Disponível em: http://www.webklik.nl/user_files/2009_10/72522/Papers/Butskhrikidze%20and%20van%20de%20Weijer,%20V%20Metathesis%20in%20Georgian.pdf. Acesso em: 19 de agosto de 2013.

CLEMENTS, G.N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COUTINHO, I.L. **Gramática Histórica**. Acadêmica: Rio de Janeiro, 1958.

LIMA, R. M. **A construção da representação fonológica da criança**. Aveiro, 2005.

MEZZOMO, C. L. **Aquisição da coda no português brasileiro: uma análise via teoria de princípios e parâmetros**. Tese de Doutorado. 201f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica do Português**. São Paulo: Clássica Editora, 1945.

REDMER, C. D. **Metátese e epêntese na aquisição do PB: uma análise via teoria da Otimidade**. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pelotas, 107 f. Pelotas: EDUCAT, 2007.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

SÁ NOGUEIRA, R. de. **Tentativa de explicação dos fenômenos fonético sem português**. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1958.

SILVA NETO, S.da. **História da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1956.